RESUMO SIMPLES - APRESENTAÇÃO ORAL - GT1 - SAÚDE MENTAL NA UNIVERSIDADE

ENTRE RESISTÊNCIA E EXIGÊNCIA: A INSÍGNIA DA “MULHER NEGRA FORTE” E SAÚDE PSICOLÓGICA DE UNIVERSITÁRIAS NEGRAS

Tãmilla Tomaz Dos Santos (tamillatomaz@id.uff.br)

Ana Lucia Novais Carvalho (analucianovaiscarvalho@id.uff.br)

A presença de mulheres negras no ensino superior brasileiro tem apresentado crescimento nos últimos anos, resultado de transformações no acesso à educação, especialmente a partir da ampliação das políticas de ações afirmativas. Contudo, essa inserção ocorre em um contexto marcado pelas desigualdades raciais e de gênero, que atravessam as relações institucionais e as experiências subjetivas dessas estudantes. Historicamente associadas ao trabalho, ao cuidado e à resistência diante de situações de violência e opressão, mulheres negras foram inseridas em um imaginário social que contribuiu para a construção da representação da “mulher negra forte” (González, 2020; Carneiro, 2023). Embora essa representação possa assumir sentidos de valorização, resistência e afirmação identitária, sua transformação em expectativa social pode produzir a exigência de autossuficiência, autocontrole e capacidade permanente de suportar adversidades (Castro, 2019; Albuquerque e Diniz, 2022). Nesse sentido, a presente pesquisa compreende a “mulher negra forte” como uma insígnia, entendida como marca que participa dos processos de identificação e reconhecimento do sujeito (Rosa, 2009; Starnino, 2016), mas que também pode articular-se a estereótipos e expectativas socialmente impostos às mulheres negras. A partir dessa

perspectiva, discute-se de que maneira a exigência de força pode contribuir para a deslegitimação da vulnerabilidade, dificultando a expressão do sofrimento e a busca por cuidado. Essa questão adquire particular relevância no ambiente universitário, historicamente constituído a partir e em favor de referências brancas de produção e legitimação do conhecimento, no qual estudantes negras vivenciam racismo, sexismo e processos de deslegitimação de suas experiências (Oliveira e Kubiak, 2019; Nascimento e Soares, 2023). Essas experiências se articulam a condições anteriores e externas à universidade, considerando que desigualdades raciais, sociais e econômicas também constituem determinantes das condições de saúde e bem-estar. Estudos apontam a presença significativa de sofrimento e transtornos mentais entre estudantes universitários, destacando a relação entre essas experiências e as micro agressões raciais vivenciadas ao longo da trajetória acadêmica. Assim, a pesquisa parte da compreensão de que a “mulher negra forte” não deve ser analisada exclusivamente como uma representação positiva ou negativa, mas como uma construção que pode constituir, simultaneamente, recurso de resistência e mecanismo de silenciamento. Pretende-se contribuir para a compreensão das formas pelas quais representações racializadas atravessam a subjetividade e a saúde mental de mulheres negras no ensino superior, ampliando o debate sobre sofrimento psíquico, racismo e cuidado em contextos universitários.

Palavras-chave: insígnia; mulher negra; saúde mental; universitárias; racismo.